



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

SEDE DA FIESP, SÃO PAULO, SP, 13 DE MARÇO DE 1997

*Excelentíssimo Senhor Presidente da República Francesa, Jacques Chirac; Senhor Governador do Estado de São Paulo, Mário Covas; Senhores Membros da comitiva francesa; Senhores Ministros de Estado; Senhores Parlamentares; Senhor Prefeito municipal, Celso Pitta; Senhor Presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira; Senhores Empresários; Senhores Embaixadores; Altas Autoridades militares; Senhoras e Senhores,*

Eu pediria permissão ao Presidente Chirac e aos demais presentes para não me alongar, por uma razão muito simples: conheço esta casa, sei do interesse que o empresariado brasileiro tem nas questões que dizem respeito ao desenvolvimento do Brasil. E, por isso mesmo, sei que eles estão todos ansiosos para ouvir o Presidente da França, meu amigo Jacques Chirac.

Creio que o Doutor Carlos Eduardo, ao fazer um balanço das transformações ocorridas no Brasil, já disse muito do que caberia dizer para que o Presidente Chirac visse, de forma mais direta, o sentimento dos brasileiros. E é melhor que tenha sido dito pelo Presidente da Fiesp, que é um empresário, do que pelo Presidente da República, de quem se

poderia sempre dizer que está usando argumentos *pro domo sua*. Aqui, nós não estamos usando argumentos em benefício nem de uns, nem de outros: é do Brasil e da relação do Brasil com a França.

Eu diria, Presidente Chirac, que o fundamental que aconteceu neste país e que acontece agora entre nós, o Brasil e a França, é que embasa uma relação democrática, aberta. E a nossa sociedade brasileira é, hoje, uma sociedade aberta e democrática. Restabeleceu-se um clima de confiança, e a confiança é fundamental. É fundamental para que as nações tenham perspectiva, para que acreditem nelas próprias. Se elas não acreditam nelas próprias, não são capazes, sequer, de escolher governantes nos quais possam, amanhã, acreditar. Quando começam a acreditar nelas próprias, como é o caso da França e é o caso do Brasil, escolhem seus governantes. Podemos errar. Erramos frequentemente. Mas sabe o País que os erros, quando mostrados que são erros, são corrigidos, porque há uma base de confiança e porque tudo o que se faz tem como pressuposto a vontade de melhorar a situação do povo e do País.

Essa palavra-chave, confiança, foi o que permitiu, eu creio, essa retomada da esperança no nosso país. Esperança que, hoje, já se concretiza através de dados, que o Doutor Carlos Eduardo mencionou, aqui, para todos nós e que eu não tenho necessidade de repetir. E a visita do Presidente Chirac é exatamente um sinal muito claro de que essa confiança, agora, vai além dos limites da Nação e que ela, hoje, é recíproca, do Brasil para com a França e da França para com o Brasil. Nós estamos confiantes na nossa parceria, no nosso futuro. E sabemos que a França e o Brasil vão trabalhar juntos pela paz, por uma nova ordem internacional e pela possibilidade de que os dois países exerçam um papel, dentro de cada uma das suas respectivas possibilidades, de liderança, mas que não é de imposição, que é sempre baseada no diálogo, na confiança democrática, na discussão.

Com esse espírito, eu ouvi do Presidente Chirac, na reunião privada que tivemos, em nível de governo, palavras que são muito motivadoras a respeito dos temas que poderiam parecer os mais delicados. E o Presidente da Fiesp tocou em alguns deles.

O maior de todos é a questão agrícola. E, não obstante, não fui eu, foi o Presidente Chirac quem disse que nós temos que tomar essa questão e desenvolvê-la num patamar de confiança e de reorganização do nosso pensamento a esse respeito, de tal modo que, juntos, possamos tirar vantagem de um intercâmbio crescente, não só do Brasil com a França, do Mercosul com a Europa, e não só do Mercosul com a Europa, mas, no quadro mesmo da Organização Mundial do Comércio, uma redefinição das questões, mesmo da agricultura, que, repito, são, às vezes, as mais delicadas e possamos tomar decisões que beneficiem a todas as partes.

Isso só se pode fazer quando existe, realmente, vontade política e quando existe, por trás dessa vontade política, boa-fé, *bona fide*, senão não se avança. O Brasil e a França têm relações que estão embasadas na vontade política e têm como motivá-las, com a boa-fé e a certeza de que os benefícios serão recíprocos.

Aqui, disse o Presidente da Fiesp que se dirigia aos empresários paulistas e brasileiros e os que estão no Brasil, muitos dos quais são franceses e são nossos empresários também, lutando conosco para o desenvolvimento do Brasil. Não existe mais uma atitude em que um, ao ver o outro crescer, desconfia de que vai perder. Não se trata de um jogo de soma zero. Aqui, nós estamos propondo, entre a França e o Brasil, uma proposta – e é mais que uma proposta, já se concretiza – em que os dois lados vão ganhar. E, ao ganharem os dois lados, queremos que muitos mais ganhem, e já me referi ao Mercosul e à União Européia.

E não creio, Senhores e Senhoras, que isso seja apenas palavras. Daqui por diante – e temos já um programa de trabalho –, nós vamos, ordenadamente, organizar ou reorganizar as nossas relações, de tal modo que possamos superar os obstáculos que, eventualmente, existam aqui e ali, organizadamente e sem perda de tempo.

A presença do Presidente Chirac foi, realmente, marcante, está sendo marcante. E eu aproveito – como não terei oportunidade de segui-lo, durante todo o dia de hoje, em São Paulo – para, de público, agradecer. Agradecer, primeiro, pessoalmente, às referências que me fez, com aquela generosidade à qual estou acostumado, porque vivi na França e conheço o espírito francês de generosidade, no trato, sobretudo, daque-

les que estão embasados no mesmo universo cultural, que é o universo cultural latino.

E sei que muito do que disse o Presidente Chirac vai por conta dessa generosidade. Mas me tocaram, pessoalmente, não apenas como Presidente da República, mas pessoalmente, sobretudo, as palavras que disse diante do Congresso brasileiro.

Quero agradecer, mais do que a isso, como Presidente da República, o fato de que o Presidente Chirac não se limitou a um contato em Brasília, com os governantes, e a um contato formal, às vezes, com os que não são governantes, lá em Brasília. Foi ontem ao Rio, para dar um sinal muito claro de que a França continua absolutamente disposta a valorizar a cultura. E, sabendo que a cultura é universal, sabe, também, que ela só se universaliza quando existe uma formação muito forte, em cada uma das nações, e que serve, também, como expressão, ao mesmo tempo, daquilo que é nacional e daquilo que é universal.

Fomos assistir à exposição, inaugurar – viu-se pouco, é certo – a exposição de Monet e, em seguida, a influência de Monet sobre os brasileiros e, ao lado, a influência dos companheiros de Monet, na França. Isso mostra que o Presidente da República Francesa tem esse sentimento de que o desenvolvimento econômico, o comércio, o investimento são fundamentais, mas é preciso mais que isso. É preciso uma expressão que dê um sinal de humanismo, uma expressão que mostre que os valores continuam a ser o guia que fundamenta a República e a sociedade.

Em seguida, o Presidente Chirac, no Rio de Janeiro, encontrou-se com a comunidade franco-brasileira, num encontro a céu aberto, de muito calor, calor humano e calor na temperatura. Mas pôde ver, lá, o carinho do povo do Brasil para com a França. E não se esqueceu de valorizar e me recomendou que eu o fizesse – e já o fiz – a comida brasileira. Comeu comida nordestina no Itamaraty, comeu comida do Sul no Rio de Janeiro. Disse-me palavras de entusiasmo, e com muita razão: “Um povo que não preza o que é seu, não consegue ser universal”.

Nós amamos a França, porque a França, sendo francesa, é capaz de transcender. E o Brasil, sendo brasileiro, vai estar junto com a França, tentando transcender os seus valores, na medida em que sejam valores

humanistas, de paz, de solidariedade, de bem viver – não de *bon vivant* –, mas de bem viver, no sentido de aproveitar, com grandeza e com simplicidade, aquilo que as nossas culturas são capazes de oferecer.

E hoje está aqui o Presidente Chirac tendo um contato direto com o setor industrial brasileiro, para mostrar que ele está diretamente – como eu estou – interessado em que das nossas palavras fluam, também, recursos; fluam, também, *joint-ventures*; flua, também, um desenvolvimento tecnológico; as parcerias aumentem. A França que está investindo, a França que tem um desenvolvimento nas telecomunicações tão impressionante, a França que, hoje, nos ajuda na recuperação do nosso setor energético, é uma França disposta – como também nós somos – a colaborar, e sempre, num clima de confiança mútua e de igualdade. Foi, portanto, uma visita muito completa, a do Presidente Chirac.

Termino, Senhores Presidentes, Senhoras e Senhores, dizendo que, se tudo isso foi feito, nós não devemos nos esquecer nunca de que é porque nós temos uma continuidade no nosso relacionamento.

Agradeço ao Embaixador do Brasil na França e agradeço ao Embaixador da França no Brasil, que são nossos representantes, para dar seqüência, como foi para os preparativos deste momento, hoje, que eu diria de fraternidade entre a França e o Brasil.

E nada é melhor, justamente para com a França, do que o Brasil poder ter – não digo ainda de igualdade – mas, pelo menos, o sentimento de fraternidade. Porque o da liberdade nós já o temos.

Muito obrigado.